

O “SE” RECÍPROCO EM CONTEXTOS EXTRA-CANÓNICOS: UMA TENDÊNCIA DE MUDANÇA?

Tuaha António

Mestrado em Ensino de Português como Língua Segunda – Faculdade de Ciências de Saúde (FCS),
Universidade Lúrio (UniLúrio), Nampula – Moçambique

RESUMO: Os estudos já existentes sobre o Português de Moçambique mostram que algumas das construções linguísticas que os falantes produzem apresentam desvios relativamente ao português europeu. Assim, o objetivo deste artigo consiste em verificar se o uso do pronome recíproco "se" em contextos diferentes dos canonicamente fixados pelo português europeu, por estudantes do Ensino Secundário Geral em Moçambique, decorre da sua gramaticalização. Para a operacionalização deste propósito, procede-se à análise dos resultados de um teste de gramaticalidade aplicado a 150 informantes. Essa análise assenta nas seguintes variáveis: (i) tipos de construções recíprocas assinaladas pelos informantes, (ii) contextos de ocorrência do “se” recíproco, (iii) nível de escolaridade dos informantes, e (iv) tipo de sujeito das frases testadas. Os resultados do teste indicam que a ocorrência do “se” recíproco em contextos excluídos pelo português europeu não deriva do processo de gramaticalização. Os potenciais fatores causadores do comportamento assumido por esse recíproco são: a falta de concordância com o seu antecedente, motivada pelo verbo auxiliar que ocorre na estrutura do núcleo verbal; o nível de escolaridade dos informantes; e o sujeito não expresso foneticamente.

Palavras-chave: Pronome recíproco “se”. Concordância nominal. Gramaticalização

ABSTRACT: The studies undertaken on Mozambican Portuguese showed that the speakers make some deviations on linguistic constructions relatively the European Portuguese. Thus, this article aims to check if the General Secondary Education students in Mozambique use of the reciprocal pronoun “se” in different contexts from those canonically set by the European Portuguese derive from their grammaticalization. For attainment of this goal, an analysis on the results achieved from a grammaticality test applied to 150 respondents was undertaken. This analysis is based on the following variables: (i) types of reciprocal constructions identified by the respondents, (ii) occurrence contexts of reciprocal "se", (iii) respondents' level of educational attainment, and (iv) the form of subject used in the test sentences. The study results showed that the occurrence of reciprocal "se" in the contexts excluded by European Portuguese does not derive from the grammaticalization process. The potential factors causing the behaviour assumed by this reciprocal are: the lack of agreement with its antecedent, motivated by the auxiliary verb that occurs at the verbal core structure; the respondents' level of educational attainment; and the subject which is not phonetically expressed.

Keywords: Reciprocal pronoun “se”. Nominal agreement. Grammaticalization

INTRODUÇÃO

Os estudos já existentes sobre o Português de Moçambique (PM) mostram que algumas das construções linguísticas que os falantes produzem apresentam desvios relativamente ao Português Europeu (PE). Esses estudos debruçam-se sobre várias subáreas gramaticais, entre as quais se destaca a da concordância nominal (CN), na qual se enquadra a presente pesquisa.

Os estudos deste domínio gramatical são poucos e baseados em dados orais e escritos (GONÇALVES, 2015). Os estudos baseados em dados orais ilustram que algumas das construções linguísticas dos falantes auscultados consistem na falta de concordância em género e/ou número não só entre os determinantes e o nome, mas também entre os elementos pospostos ao núcleo nominal (na sua maioria adjetivos com função atributiva ou predicativa) e este núcleo. Por outro lado, os estudos baseados em dados escritos ilustram a ausência de concordância, em género e/ou número, do predicativo com o sujeito (sobretudo quando este é um Sintagma Nominal (SN) complexo).

O presente artigo trata da falta de concordância do pronome recíproco “se” com o seu antecedente com função de sujeito e surge na sequência de se ter constatado que certos estudantes dos ensinos secundário geral e superior em Moçambique produzem discursos orais em que o pronome em causa e o seu antecedente divergem em alguns dos seus traços gramaticais. Assim, apresenta-se a hipótese segundo a qual o uso do pronome recíproco “se” em contextos excluídos pelo PE, por estudantes do Ensino Secundário Geral (ESG) em Moçambique, não decorre da violação da regra de concordância com o seu antecedente, mas sim do processo de gramaticalização.

A literatura compulsada revela que não existem estudos sobre este fenómeno no PM e no Português Brasileiro (PB) foram encontrados, facto que faz com que se considere pertinente partilhar a sua manifestação com os diferentes segmentos interessados no processo de aquisição de Português/Língua Segunda (L2).

Os dados empíricos que corporizam o presente estudo resultam de um teste aplicado a alunos da 10ª e 12ª classes. A opção por estes dois níveis de escolaridade prende-se com o facto de se pretender verificar se o tempo de exposição dos aprendentes às regras de uso dos pronomes pessoais, fornecidas pela escola, influencia o seu comportamento linguístico (mais tempo de

exposição às regras de uso dos pronomes pessoais, maior probabilidade de as dominar, e vice-versa).

Este estudo é descritivo¹, orientado para a abordagem quantitativa, mas com recurso a alguns aspectos do paradigma qualitativo, e a recolha de dados foi efectuada através da pesquisa transversal (*cross-sectional*)².

Este artigo tem o objectivo de verificar se o uso do pronome recíproco “se” em contextos diferentes dos canonicamente fixados pelo PE, por estudantes do ESG em Moçambique, decorre da sua gramaticalização.

Neste trabalho, para além da presente seção, são apresentadas as seguintes: (ii) Revisão da literatura e apresentação do quadro conceptual; (iii) Seleção e caracterização dos informantes, apresentação do teste e discussão dos seus resultados; e (iv) Conclusões.

REVISÃO DA LITERATURA E APRESENTAÇÃO DO QUADRO CONCEPTUAL

Conforme referido acima, na literatura consultada sobre o PM não há registo atinente à matéria em estudo. Freitag (2003) e Oliveira ([2014?]), debruçando-se sobre o PB, fazem alusão à neutralização do pronome “se”, e os exemplos ilustrativos são similares às frases da testagem consideradas gramaticais pela maioria dos informantes da presente pesquisa.

No que concerne ao quadro conceptual, será fornecido o enquadramento dos conceitos mais relevantes para o tratamento dos dados desta pesquisa.

A CN, sendo o subsistema gramatical em que se insere o presente estudo, merece uma caracterização prévia, contudo, antes dela considera-se pertinente clarificar o conceito de concordância, já que constitui um elemento-chave para a definição daquela. Assim, a 'concordância' é a coincidência de determinadas propriedades entre duas expressões linguísticas

¹ É o estudo que não só consiste na descrição de uma certa população ou fenómeno, mas também na descoberta das associações existentes entre as variáveis (GIL, 2008). Este tipo de estudo baseia-se em técnicas padronizadas de coleta de dados (GIL, 2008).

² A pesquisa transversal é aquela que permite recolher dados em apenas um ponto específico do tempo, envolvendo um número elevado de informantes (LARSEN-FREEMAN; LONG, 1991).

(PERES; MÓIA, 1995). Estas propriedades podem configurar-se em género, número e pessoa (BERGSTRÖM; REIS, 1988). A partir da definição já apresentada, pode dizer-se que a CN consiste na coincidência que se estabelece, em género e número, entre determinadas expressões linguísticas, ou seja, entre o substantivo e o seu determinante e/ou modificador (frase (1a)), porém, nos casos em que essa concordância se realiza entre pronomes pessoais reflexos e recíprocos e o seu antecedente, a correspondência efectua-se em função de pessoa e número (*cf.* exemplo (1b)).

- (1) a. [[O]_[masc; sing] [disco]_[masc; sing] [voador]_[masc; sing]]_{SN} foi decodificado³.
b. [O Pedro e o Paulo]_[3ªp; pl] **encontraram-[se]**_[3ªp; pl] no parque.

Na frase (1a), o substantivo 'disco' é o núcleo do SN a que pertence. Os elementos que se realizam na sua periferia, à direita ou à esquerda, são, respectivamente, um determinante e um modificador, e subordinam-se a ele. Neste sentido, os traços morfológicos desses elementos devem ser compatíveis com os do seu subordinante e, no caso em apreço, já o são.

Quanto à frase (1b), o pronome recíproco “se” e o sujeito (antecedente), 'o Pedro e o Paulo', comungam das mesmas marcas de concordância, as quais se configuram em pessoa e número (3ªp; pl). Este fato atesta a ideia segundo a qual a correspondência entre um pronome recíproco e o seu antecedente é efetuada em conformidade com as variáveis pessoa e número.

Na descrição da frase (1b), foram usados conceitos que se consideram necessários para o tratamento dos dados desta pesquisa, nomeadamente sujeito (Suj), antecedente e pronome recíproco. Neste sentido, apresenta-se a sua caracterização. O primeiro conceito será tratado tendo em conta a sua realização lexical na linearidade frásica.

Deste modo, enquanto o 'Suj expresso foneticamente' é físico, ou seja, aquele que se realiza lexicalmente na frase (*cf.* exemplo (2a)), o 'não expresso foneticamente' é nulo (não realizado lexicalmente), isto é, subentendido, cuja identificação pode ser feita através do sufixo flexional do verbo (AMORIM; SOUSA, 2009). Esta identificação também pode ser feita pela desinência verbal ou pelos traços de número do Suj expresso noutra oração (CUNHA; CINTRA, 1999). Veja-se a frase (2b).

³ As abreviaturas 'masc', 'sing' e 'pl' significam, respectivamente, masculino, singular e plural.

(2) a. [O Jerónimo]_{Suj} passou de classe.

b. No dia da prova de Português, [o Sonito]_{Suj} estava triste, mas [-] obteve um bom resultado⁴.

Nas frases (2), ocorrem duas situações distintas: em (a), a frase é simples e detém um Suj expresso foneticamente (O Jerónimo); em (b), a frase é complexa, sendo que o Suj da primeira oração é idêntico ao da frase anterior, ou seja, expresso foneticamente (o Sonito), e o da segunda, não, quer dizer, não é expresso foneticamente, porém, identificável, bastando para tal articular os traços gramaticais do verbo desta última oração com os do Suj da primeira.

Desta operação, concluir-se-á que o Suj da segunda oração coincide com o da primeira, ou seja, o Sonito, o qual pode ser representado pelo pronome 'ele', que ocorreria no lugar do Suj nulo ([-]) (*cf.* exemplo (2c)), mas, por questões de nível sintático, não ocorre.

(2) c. No dia da prova de Português, [_{Suj} o Sonito]_[sing: 3ª] estava triste, mas **ele** obteve_[sing: 3ª] um bom resultado.

Relativamente ao 'antecedente', refira-se que é um elemento referencialmente autónomo na linearidade frásica (CAMPOS; XAVIER, 1991), ou seja, elemento de que um pronome depende para a constituição do seu valor referencial (*cf.* frase (3)).

(3) O Aníbal recebeu **duas bananas** e comeu-**as**.

Na frase acima, as expressões 'duas bananas' e 'as' são distintas quanto ao seu valor referencial: a primeira possui uma referência autónoma e a segunda não, dependendo, deste modo, daquela na construção do seu valor referencial. Neste contexto, a expressão 'duas bananas' é um antecedente e o item 'as', um pronome.

⁴ O símbolo [-] significa Suj nulo, ou seja, Suj não expresso foneticamente.

O 'pronome recíproco', por sua vez, define-se como sendo o pronome que indica que a ação expressa pelo verbo é mútua entre dois ou mais indivíduos (CUNHA; CINTRA, 1999; BORREGANA, 1998). Para Amorim e Sousa (2009, p. 187), este tipo de pronome indica que “cada entidade com função de sujeito pratica uma acção que recai na outra e vice-versa”. Desta forma, cada uma das entidades é simultaneamente agente de uma ação e paciente daquela que é praticada pelo outro agente (*cf.* frase⁵ (4)).

(4) A Ana e o namorado enganaram-se.

Antes de qualquer referência à frase acima, importa dizer que as formas do pronome recíproco coincidem com as do reflexo, o que leva a que, por vezes, a frase em que cada uma delas ocorre se torne ambígua, e esta ambiguidade evita-se através de advérbios ou expressões explicativas (ARRUDA, 2004), conforme se pode observar nas frases (5), derivadas da frase (4).

No que respeita à frase (4), note-se que o “se”, como recíproco, permite saber que: "A Ana enganou o namorado e o namorado enganou a Ana". Contudo, ele pode permitir igualmente uma interpretação reflexa: A Ana enganou-se e o namorado também se enganou.

Conforme se afirmou anteriormente, para se desfazer a ambiguidade, verifiquem-se as frases (5).

(5) a. A Ana e o namorado enganaram-se **a si mesmos**. (Pronome reflexo)

b. A Ana e o namorado enganaram-se **entre si**⁶. (Pronome recíproco)

Neste quadro conceptual, torna-se também pertinente a caracterização das 'construções recíprocas', uma vez que constituem o tipo de frases que corporizam os enunciados do teste aplicado aos informantes deste estudo. Neste sentido, elas são “estruturas que denotam situações em que participam dois intervenientes, sendo que cada um deles se assume não só

⁵ Esta frase foi retirada de Arruda (2004, p. 98) (grifo nosso).

⁶ Advérbios e outras expressões: reciprocamente, mutuamente, um ao outro, uns aos outros (ARRUDA, 2004).

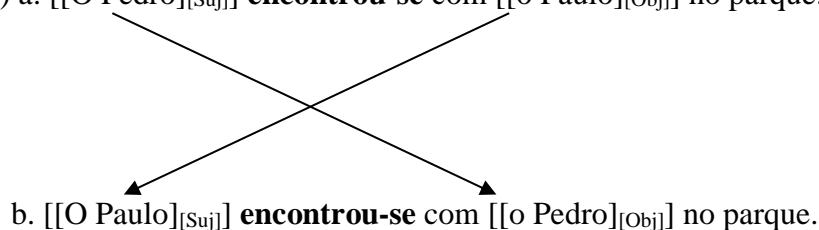
como iniciador da acção em causa, mas também como entidade que sofre os efeitos da mesma” (RIBEIRO, 2011, p. 147). Refira-se que, por um lado, o Suj destas construções deve ser plural ou coordenado e, por outro, ele e o recíproco devem ostentar as mesmas marcas de concordância (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003).

O exemplo que se segue mostra o tipo de estruturas já caracterizado.

(6) [[O Pedro] e [o Paulo]][Suj[pl; 1ªp]] **encontraram-[se]**[Pron.[pl; 1ªp]] no parque⁷.

Nesta frase, a acção expressa pelo verbo **encontrar** indica que cada um dos constituintes do Suj é, simultaneamente, **praticante** dessa acção e **objecto** (Obj) sobre o qual ela recai, isto é, os participantes no acto expresso pelo verbo trocam as funções de Suj e Obj, conforme ilustra o esquema abaixo⁸.

(7) a. [[O Pedro]_[Suj] **encontrou-se** com [[o Paulo]_[Obj]] no parque.



Note-se que o “se” que ocorre tanto na frase (6), ligado ao verbo **encontrar**, quanto nas frases (7) é um pronome pessoal, sendo que neste último caso é reflexo, por isso as construções não são recíprocas, e no da (6), recíproco. O mesmo pronome considera-se operador formal da reciprocidade (RIBEIRO, 2011), cuja ausência torna agramatical a construção recíproca, segundo se verifica no exemplo (8).

(8) *[[O Pedro] e [o Paulo]][Suj] **encontraram** [-] no parque.

⁷ Esta frase foi extraída do texto de Ribeiro (2011, p.141).

⁸ Este esquema foi adotado de Evans (2008, p. 34).

O verbo **encontrar** quando significa ‘ter encontro com alguém’ ocorre com um pronome pessoal e, nos casos em que a sua ação é recíproca, o pronome adequado é o recíproco, logo, a frase (8), não reunindo os requisitos já anunciados, é assumida como agramatical.

De entre os conceitos considerados pertinentes para a presente pesquisa, destaca-se o de 'gramaticalização', uma vez que constitui o elemento em que assenta o objetivo e a hipótese desta pesquisa. Também se considera relevante a clarificação do conceito de 'neutralização' para o melhor entendimento daquilo que ocorre com o “se” referido por Freitag (2003) e Oliveira ([2014?]).

Neste contexto, o primeiro conceito, ou seja, a 'gramaticalização', segundo Campbell e Janda (2001, p. 102, tradução nossa), citando Traugott (1994), é “um subconjunto de alterações linguísticas em que um item lexical utilizado em contextos discursivos específicos se torna um produto gramatical, ou através do qual um produto gramatical se torna mais gramatical”. Para Bybee (2003, p. 603, tradução nossa), a gramaticalização é “o processo pelo qual uma sequência de palavras ou morfemas utilizada com frequência se torna automatizada como uma única unidade no processamento”.

No que concerne à automatização, Lopes ([2010?]) afirma que a repetição de uma construção ou forma leva a que um item lexical se automatize, tornando-se normal e regular. Esta autora afirma ainda que a reiterada regularidade do item em causa decorre do fato de “as estratégias discursivas empregadas pelo falante numa situação comunicativa perde[re]m a eventualidade criativa do discurso e passa[re]m a ser regidas por restrições gramaticais” (pp. 1-2, tradução nossa), parecendo “como se os elementos lexicais fossem perdendo suas propriedades referenciais de representar ações, qualidades e seres do mundo biossocial e fossem ganhando a função de estruturar o léxico na gramática, assumindo, por exemplo, funções anafóricas e expressando noções gramaticais” (pp. 1-2).

Deste modo, depreende-se que, na verdade, a repetição desempenha um papel crucial na automatização do item lexical identificado como estando em processo de gramaticalização.

As definições de 'gramaticalização' acima apresentadas são adotadas para o presente estudo, na medida em que a primeira se refere a um item que assume um comportamento diferente do original quando utilizado em contextos específicos, e a segunda defende que uma sequência de

palavras ou morfemas, devido à sua utilização frequente, assume igualmente um comportamento diferente do primário, passando a uma forma neutra.

Nesta ordem de ideias, importa salientar que o item tomado 'objeto' desta pesquisa não é uma sequência de palavras ou morfemas, mas sim um item lexical que perde alguns dos seus traços morfológicos originais, em contextos não previstos pela norma do PE.

A 'neutralização', por sua vez, consiste na “perda do traço que distingue entre si dois fonemas” (BISOL, 2003, p. 273), logo, a neutralização do “se”, referida por Freitag (2003) e Oliveira ([2014?]), é a perda dos traços gramaticais do “se”, passando a usar-se como um vocábulo invariável, conforme ilustram as frases abaixo.

(9) a. O pior é que nós se prestava a isso. (Entrevistado SCFLP01FAP)⁹

b. E nós se matávamos. (Entrevistado SCFLP01FAP)

c. Então a mamãe com medo, aí nós se mudamos daqui. (Fortaleza, F, 39 anos, 2º grau)

d. E até hoje nós somo assim que nem gato atrás do rato, num se damo bem. (Paraíba, M, + 50 anos, analfabeto)

Nas frases acima, o pronome recíproco “se” é utilizado como se estivesse desprovido dos traços gramaticais que o vinculam à 3ª pessoa do plural, ou seja, usa-se como se a regra do seu uso se generalizasse, não se aplicando restritamente a pronomes como **vocês** e **a gente**, mas a outros, como é o caso de **nós** (FREITAG, 2003). Esta constatação fundamenta-se no fato de se verificar que, nos casos em que o recíproco ocorre, devia fazê-lo com um antecedente ostentando os traços de 3ª pessoa do plural, ou, no seu lugar, ocorreria a forma pronominal **nos**.

Para Oliveira ([2014?]), “o uso do ‘se’ neutralizado em termos de pessoa também se observa nos dados do português moçambicano”¹⁰ e, como prova da sua constatação, ela apresenta as

⁹ Dos exemplos aqui apresentados, os primeiros dois pertencem a Freitag (2003) e os últimos, a Oliveira ([2014?]).

¹⁰ O texto desta autora não está paginado.

frases transcritas em (10) e refere que estas frases “mostram a neutralização do ‘se’ na 1ª pessoa do plural”.

(10) a. Nós dão-se bem mas não sempre. (MF20YAI)

b. Nós éramos obrigados a alimentar-se de pão com peixe frito. (MF1ANA)

Ao rol dos conceitos acima apresentados, juntam-se os do 'verbo principal' e do 'auxiliar', porque também se consideram importantes para o tratamento dos dados deste estudo, já que, à semelhança das construções recíprocas, são alguns dos elementos que corporizam os enunciados que constituem o teste aplicado aos informantes desta pesquisa. Neste sentido, o 'verbo principal' é o núcleo semântico de uma oração e caracteriza-se por propriedades de selecção semântica e sintática (DUARTE, 2003). A primeira seleção refere-se ao número de argumentos que o verbo exige, e a segunda, à categoria de cada argumento e à sua relação gramatical desempenhada na oração (DUARTE, 2003).

No que tange ao 'verbo auxiliar', refira-se que é um verbo sem significado lexical, por isso não subcategoriza nenhum argumento (DUARTE, 2003). O verbo que o auxiliar precede tem a designação de auxiliado, o qual se pode apresentar no particípio (11a) ou no infinitivo não flexionado (11b). Esta última forma de verbo auxiliado é a que foi usada no teste aplicado aos informantes desta pesquisa.

(11) a. O Isac tem **tido** êxitos nos seus negócios.

b. A Isabel vai **viajar** amanhã para Lichinga.

SELEÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES, APRESENTAÇÃO DO TESTE E DISCUSSÃO DOS SEUS RESULTADOS

A presente seção divide-se em duas subseções. A primeira assenta na seleção e caracterização dos informantes e a segunda, na apresentação do teste e na discussão dos seus resultados.

SELEÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES

Os informantes que corporizam o presente estudo são 150 estudantes de 9 escolas do ESG de Cabo Delgado. Para a sua seleção, recorreu-se à 'amostra sistemática', que é uma técnica probabilística por meio da qual se escolhe aleatoriamente o primeiro elemento “numa lista e a partir deste ponto cada nome da lista é escolhido num intervalo fixo” (FREIXO, 2010, p. 185). Destes 150 informantes, 75 são da 10ª classe e os outros 75 da 12ª. Da totalidade dos mesmos informantes, sobressaem os do sexo masculino, que se fixam em 84, correspondendo a 56%. No que concerne à variável 'idade', os informantes compreendem duas faixas: a faixa dos 13 a 20 anos e a de ≥ 21 anos, de entre as quais se destaca a primeira com 118 estudantes (78,7%).

No que tange à 'naturalidade', os informantes encontram-se distribuídos por cinco províncias, nomeadamente Cabo Delgado, Nampula (cidade), Niassa (Lichinga), Sofala (Beira) e Maputo (cidade), sendo Cabo Delgado a naturalidade que mais informantes alberga, ao registar 135 estudantes, equivalentes a 90%.

Relativamente à Língua materna (L1), os informantes agrupam-se em Português, Línguas Bantu (LBs) e LBs/Português, sobressaindo os que se declararam como falantes das LBs, os quais se estimam em 87,3%. Por último, encontra-se a variável “Língua de Comunicação” (LC). Esta variável, à semelhança da de L1, compreende três grupos: Português, LBs e LBs/Português. Entre os informantes enquadrados nestes grupos, salientam-se os que escolheram o Português como LC, estimando-se em 72,7%.

APRESENTAÇÃO DO TESTE

O teste, do qual foram obtidos os dados que suportam esta pesquisa¹¹, era anónimo e composto por um inquérito por questionário (*cf.* apêndice 2), constituído por dez perguntas de escolha múltipla, organizadas em duas partes: a primeira compreendia cinco frases, cujo núcleo verbal apresentava dois elementos (verbo auxiliar e verbo auxiliado); e a segunda consistia em cinco frases com apenas um verbo, o principal. A organização das frases também obedecia a um outro critério, o qual se baseava no tipo de Suj: Suj expresso foneticamente e Suj não expresso foneticamente.

¹¹ Os dados que suportam este estudo foram recolhidos em 2014.

Esta forma de organização (em função do verbo auxiliar e do tipo de Suj) tinha em vista verificar o tipo de estrutura em que os informantes sentiam mais dificuldades na aplicação da regra de uso do “se” recíproco. Cada pergunta possuía duas respostas, sendo que uma delas constituía a opção correcta.

Para a análise e discussão dos resultados, parte-se do pressuposto de que as 'construções corretas' (uso da regra) são construções assinaladas pelo informante, nas quais o recíproco e o seu antecedente exibem as mesmas marcas de concordância. Entretanto, as 'construções desviantes' (violação da regra) são frases assinaladas pelo informante como corretas. Nestas construções, o informante não só assinala alternativas em que o recíproco e o seu antecedente exibem as mesmas marcas de concordância, mas também aquelas em que tais elementos não apresentam as mesmas marcas de concordância, ou seja, ele assinala simultaneamente os dois tipos de frases como opções corretas.

As construções desviantes são classificadas em 'construções desviantes de nível 1' e 'construções desviantes de nível 2'. Nas primeiras, o número de opções corretas situa-se entre 50% e abaixo de 100%, e nas segundas, o mesmo número está abaixo de 50%.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DO TESTE

Nesta subsecção, são discutidos resultados decorrentes do teste realizado por 150 estudantes do ESG de Cabo Delgado, conforme referido anteriormente.

Essa discussão assenta nas seguintes variáveis independentes: o tipo de construções recíprocas assinaladas por cada informante, o contexto de ocorrência do recíproco “se”, o nível de escolaridade dos informantes e o tipo de Suj das frases testadas.

TIPO DE CONSTRUÇÕES RECÍPROCAS ASSINALADAS PELOS INFORMANTES

Os dados do teste mostram que 42 estudantes assinalaram construções corretas e 108, construções desviantes. Os primeiros estudantes correspondem a 28% e os segundos, a 72%.

Sobre estes dados, importa referir que, dos 42 estudantes, 20 são da 10ª classe e 22 da 12ª, correspondendo, assim, respectivamente, a 13,3% e 14,7%. Relativamente aos 108 estudantes, refira-se que 55 (36,7%) são da 10ª classe e 53 (35,3%) da 12ª.

No que concerne às construções recíprocas corretas, observem-se os exemplos (12).

(12). a. João, podemo-[**nos**]_[1ª p, pl.] encontrar amanhã às 7:00 H? (*ESJP16/12/14*)

b. [**Nós**]_[1ª p, pl.] já acordámos, mas não [**nos**]_[1ª p, pl.] podemos lavar porque a água está muito fria. (*ESJP16/12/14*)

As frases acima apresentadas são a amostra¹² das alternativas assinaladas pelo informante que, em cada uma destas frases, se identifica entre parênteses, nas quais a etiqueta permite observar que os traços gramaticais do pronome **nos** (1ª pessoa do plural) coincidem com os do seu antecedente. Neste contexto, há harmonia entre o recíproco em causa e o Suj, por isso tais alternativas são assumidas como construções corretas.

As frases que se seguem (exemplos (13)) têm um comportamento diferente do das já analisadas, na medida em que são construções constituídas por alternativas corretas e desviantes, ocorrendo mais opções corretas que estas últimas.

(13). a. [**Nós**]_[1ªp; pl] amamo-[**nos**]_[1ªp; pl] porque somos irmãos. (*ESKph 1/12/14*)

b. *[**Nós**]_[1ªp; pl] já acordámos, mas não [**se**]_[3ªp; pl] podemos lavar porque a água está muito fria. (*ESKph 1/12/14*)

c. Amanhã, vamo-[**nos**]_[1ªp; pl] distribuir o material escolar. (*ESKph 1/12/14*)

¹² Os exemplos apresentados em cada caso constituem amostras do tipo de frases assinaladas como corretas pelo informante.

Conforme se nota, as frases acima foram assinaladas como corretas pelo mesmo informante e os traços gramaticais do recíproco, em todas elas, coincidem com os do seu antecedente, excepto na (13b), em que são divergentes, isto é, nesta frase, o antecedente exhibe traços de 1ª pessoa do plural e o pronome, os de 3ª pessoa do plural. Este fato indica que o informante usa em variação livre os dois pronomes (**se** e **nos**), o que lhe permite assumir todas as frases como correctas, mas as construções naturalmente corretas são as que ele assinala em número elevado, consequentemente, são construções desviantes de nível 1.

Os resultados do teste ilustram que os estudantes que assinalaram este tipo de construções são 89, os quais correspondem a 59,3% da população estudada.

Agora atente-se nas frases que se seguem.

(14) a. [Nós]_[1ªp; pl] já acordámos, mas não [nos]_[1ªp; pl] podemos lavar porque a água está muito fria. (*ESFra5/10/14*)

b. *A partir de hoje, podemos-[se]_[3ªp; pl] amar porque somos irmãos. (*ESFra5/10/14*)

c. *Hoje encontramos-[se]_[3ªp; pl] cedo demais. (*ESFra5/10/14*)

À semelhança do que sucedeu na análise dos exemplos (13), as frases (14) foram assinaladas pelo mesmo informante. Note-se que, na primeira frase, os traços gramaticais do pronome coincidem com os do seu antecedente. Esta situação não ocorre nas outras frases, ou seja, nas frases (14b) e (14c), onde os traços gramaticais do recíproco não coincidem com os do seu antecedente (Suj não expresso foneticamente, ou seja, subentendido a **nós**), o que significa que, neste último caso, as opções assinaladas são desviantes e, no primeiro, não, a alternativa adotada é correta. Apesar disso, as frases (14) são consideradas correctas pelo informante que as assinalou.

Tal como se constatou aquando da análise das frases (13), este fato indica que o informante usa em variação livre os dois pronomes (**se** e **nos**), levando-o a assumir todas as frases como correctas, entretanto, as construções naturalmente corretas são as que ele assinala em número

reduzido, encontrando-se, conforme referido, abaixo de 50% das frases testadas, logo, as frases são assumidas como construções desviantes de nível 2.

Conforme os resultados do teste, os estudantes que adotaram este tipo de construções são 19 e equivalem a 12,7%.

CONTEXTO DE OCORRÊNCIA DO RECÍPROCO

A variável ‘contexto de ocorrência do recíproco’ refere-se às circunstâncias em que o recíproco se realiza: numa frase com ou sem verbo auxiliar. A partir da análise desta variável, pretende-se identificar o contexto que favorece a ocorrência de mais desvios e, para se operacionalizar este objetivo, foram manipuladas frases, cujo protótipo se configura nas frases (15), que são a retoma dos exemplos (14).

- (15) a. [Nós]_[1ªp; pl] já acordámos, mas não [nos]_[1ªp; pl] podemos lavar porque a água está muito fria. (*ESFra5/10/14*)
- b. *A partir de hoje, podemos-[se]_[3ªp; pl] amar porque somos irmãos. (*ESFra5/10/14*)
- c. *Hoje encontramos-[se]_[3ªp; pl] cedo demais. (*ESFra5/10/14*)

Nas frases acima apresentadas, o recíproco ocorre em duas situações diferentes: (i) em frases com auxiliar e (ii) em frases sem auxiliar. No primeiro caso, trata-se das frases (15a) e (15b) e no último, da frase (15c).

Quanto às frases que ocorrem com auxiliar, nota-se que 34 estudantes, equivalentes a 22,7%, assinalaram alternativas corretas e 41 (27,3%), opções desviantes.

No que concerne às frases que ocorrem sem auxiliar, verifica-se que 29 (19,3%) estudantes assinalaram alternativas corretas e 46 (30,7%), opções desviantes.

Como se nota, os resultados referentes a alternativas corretas mostram que, nos casos em que o recíproco ocorre com auxiliar, a tendência é para os estudantes assinalarem menos frases, ao passo que, naqueles em que o recíproco ocorre sem auxiliar, a tendência é inversa, isto é, os informantes têm a tendência para assinalar mais frases.

No que tange às opções desviantes, a população auscultada ilustra que, nas situações em que o recíproco ocorre com auxiliar, os aprendentes tendem a assinalar mais frases e, naquelas em que o recíproco ocorre sem auxiliar, a tendência é para a mesma assinalar menos frases.

NÍVEL DE ESCOLARIDADE

Da análise desta variável, pretende-se verificar se o tempo de permanência na escola, conforme referido anteriormente, influencia ou não o comportamento linguístico dos estudantes.

Os dados já compilados mostram que 42 (28%) informantes assinalaram frases corretas e 108 (72%), frases desviantes. Dos 42 estudantes, 20 são da 10ª classe e os outros 22, da 12ª, tal como se referiu na subsecção (3.3.1). Por outro lado, os 108 aprendentes dividem-se em 55 (36,7%) da 10ª classe e 53 (35,3%) da 12ª.

Quanto a alternativas correctas, os resultados apresentados ilustram que os estudantes da 12ª classe assinalam mais frases que os da 10ª. No que se refere a opções desviantes, os mesmos resultados, contrariamente ao que acontece na situação precedente, mostram que os alunos da 10ª classe assinalam mais frases que os da 12ª.

TIPO DE SUJEITO

Para a verificação desta variável, foram manipuladas frases de dois tipos: (i) frases com um Suj expresso foneticamente; e (ii) frases com um Suj não expresso foneticamente.

Com a análise da variável já referida, tenciona-se saber se a realização lexical ou a não realização lexical do Suj é um fator que leva os estudantes a assinalarem frases desviantes como correctas. Para a sua concretização, foram retomadas as frases (13), aqui renomeadas como frases (16).

- (16). a. [Nós]_[1ªp; pl] amamo-[nos]_[1ªp; pl] porque somos irmãos. (*ESKph 1/12/14*)
- b. *[Nós]_[1ªp; pl] já acordámos, mas não [se]_[3ªp; pl] podemos lavar porque a água está muito fria. (*ESKph 1/12/14*)
- c. Amanhã, vamo-[nos]_[1ªp; pl] distribuir o material escolar. (*ESKph 1/12/14*)

Tal como se afirmou anteriormente, as frases acima foram assinaladas como corretas pelo mesmo informante. As primeiras duas ostentam o Suj e a última não, mas, neste último caso, é possível recuperá-lo através do hospedeiro do respetivo pronome, o verbo *ir*.

Os traços gramaticais do recíproco em todas as frases coincidem com os do seu antecedente (alternativas corretas), exceto na (16b), em que são divergentes, isto é, o antecedente exhibe traços de 1ª pessoa do plural e o pronome, os de 3ª pessoa do plural (alternativa desviante). Este facto indica que o informante usa em variação livre os dois pronomes (**se** e **nos**), o que lhe permite assumir todas as frases como corretas.

No que se refere às frases corretas, observa-se que 33 estudantes, correspondentes a 22%, assinalaram frases em que o recíproco ocorre com um Suj expresso foneticamente e 27 (18%), frases em que o recíproco ocorre com um Suj não expresso foneticamente.

No que tange às frases desviantes, nota-se que 42 (28%) informantes assinalaram frases em que o recíproco ocorre com um Suj expresso foneticamente e 48 (32%), frases em que o recíproco ocorre com um Suj não expresso foneticamente.

Os resultados apresentados ilustram que os estudantes tendem para assinalar mais frases corretas nos casos em que o recíproco ocorre com um Suj expresso foneticamente, e menos frases corretas nas situações em que o recíproco ocorre com um Suj não expresso foneticamente, ou seja, os mesmos resultados mostram que os estudantes têm a tendência para assinalar menos frases desviantes, nas situações em que o recíproco ocorre com um Suj expresso foneticamente e, naquelas em que o recíproco ocorre com um Suj não expresso foneticamente, os informantes tendem a assinalar mais frases desviantes.

CONCLUSÕES

Da análise dos resultados do teste, constatou-se que as dificuldades detetadas consistem em os estudantes inquiridos assinalarem, de forma recorrente, frases corretas e desviantes assumindo-as conjuntamente como corretas.

Os mesmos resultados indicam que as variáveis 'contexto de ocorrência do recíproco', 'nível de escolaridade' e 'tipo de sujeito' são fatores potenciais para a realização do recíproco “se” em contextos diferentes dos canonicamente fixados pelo PE. Porém, a análise destas variáveis mostra que os dados que suportam a ideia de serem fatores potenciais são pouco significativos.

Relativamente à variável 'contexto de ocorrência do recíproco', verifica-se que, quando o recíproco ocorre numa frase com auxiliar, os estudantes tendem a assinalar menos frases correctas e, quando o mesmo recíproco ocorre em frases sem auxiliar, eles têm a tendência para assinalar mais frases corretas.

Quanto à variável 'nível de escolaridade', observa-se que os estudantes da 12ª classe assinalaram mais frases corretas que os da 10ª, fato a partir do qual se depreende que os estudantes de nível de escolaridade elevado realizam menos neutralização do recíproco “se” que os de nível de escolaridade precedente, ou seja, estes últimos cometem mais desvios à norma europeia que os primeiros.

No que se refere à variável 'tipo de sujeito', nota-se que, nos casos em que o recíproco “se” ocorre com um Suj expresso foneticamente, os estudantes tendem a assinalar mais frases correctas, e, menos frases corretas, nas situações em que ele ocorre com um Suj não expresso foneticamente.

Do exposto, depreende-se que o recíproco “se” não se automatizou, ou seja, não se gramaticalizou, já que o comportamento que ele assume nas construções analisadas decorre dos fatores anteriormente mencionados. De outro modo, o uso do recíproco “se” em contextos excluídos pelo PE não se normalizou nem se regularizou (LOPES, [2010?]), na medida em que a sua ocorrência nesses contextos é condicionada pelos fatores já identificados.

Assim, infirma-se a hipótese inicialmente apresentada.

A proposta segundo a qual o comportamento que o recíproco “se” assume nas construções assinaladas decorre dos fatores já mencionados não pode ser considerada conclusiva, uma vez que o presente estudo é sincrónico, ou seja, os dados analisados referem-se apenas a um único momento. Desta forma, acredita-se que um estudo diacrónico poderia verificar a veracidade da proposta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, C.; SOUSA, C. **Gramática da língua portuguesa**. Porto: Areal Editores, 2009.
- ARRUDA, L. **Gramática de português para estrangeiros**. Porto: Porto Editora, 2004.
- BERGSTRÖM, M.; REIS, N. **Prontuário ortográfico e guia da língua portuguesa**. Lisboa: Editorial Notícias, 1988.
- BISOL, L. A neutralização das átonas. **Revista Letras**, Curitiba. 2003. N. 61, p. 273-283. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/2891/2373>>. Acesso em: 9 ago. 2016.
- BORREGANA, A. A. **Gramática universal; Língua portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Texto Editora, 1998.
- BRITO, A. M.; DUARTE, I.; MATOS, G. Tipologia e distribuição das expressões nominais. In M. H. M. Mateus et al. (Orgs.). **Gramática da língua portuguesa**. 6. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 795-867.
- BYBEE, J. (2003). Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In B. Joseph, e R. Janda, (Eds.), **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003. p. 602–623). Disponível em: <http://www.blackwellpublishing.com/content/BPL_Images/Content_store/WWW_Content/9780631195719/TAY33529%20HISTORICAL%20LINGUISTICS.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2016.
- CAMPBELL, L.; JANDA, R. Introduction: Conceptions of grammaticalization and their problems. **Language Sciences**. 2001. N. 23, p. 93-112. Disponível em

<<http://www.workshopgramaticalizacao.uff.br/images/Campbell%202001%20intro.pdf>>.
Acesso em: 20 maio. 2016.

CAMPOS, M. H. C.; XAVIER, M. F. **Sintaxe e semântica do português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 15. ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1999.

DUARTE, I. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In M. H. M. Mateus et al. (Orgs.). **Gramática da língua portuguesa**. 6. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 275-321.

EVANS, N. Reciprocal constructions: Towards a structural typology. In E. König e V. Gast (Eds.). **Reciprocals and reflexives: theoretical and typological explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008. p. 33-103. Disponível em: <<http://kenwolcott.net/methods/Reciprocals%20and%20%20Reflexives%20-%20Theoretical%20and%20Typological%20Explorations.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

FREITAG, R. M. K. Uma hipótese de gramaticalização do pronome reflexivo SE na fala de Florianópolis. **Working Papers em Linguística**. 2003. N. 7, p. 60-72. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/6167/5722>>. Acesso em: 15 maio. 2016.

FREIXO, M. J. V. **Metodologia científica: fundamentos, métodos e técnicas**. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GONÇALVES, P. Aspectos morfossintáticos da gramática do português de Moçambique: a concordância nominal e verbal. **Cuadernos de la Alfal**, mar. 2015. N. 7, p. 9-16. Disponível em: <http://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/07_cuaderno_002.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2016.

LARSEN-FREEMAN, D.; LONG, M. H. **An introduction to second language acquisition research**. London: Longman, 1991.

LOPES, Célia. Gramaticalização: definição, princípios e análise de casos. Disponível em:

<https://www.ufmg.br/online/arquivos/anexos/Gramaticalizacao_ufrj.pdf>. Acesso em 20/10/2016.

OLIVEIRA, M. Nós se cliticizou-se? In: ENCONTRO DO PHPB, [2014?], Itaparica. Disponível em: <<http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/maril014.pdf>>. Acesso em: 15 maio. 2016.

PERES, J. A.; MÓIA, T. **Áreas críticas da língua portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1995.

RIBEIRO, S. I. R. **Estruturas com se anafórico, impessoal e decausativo em português**. 2011. 295 f. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/17893/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Doutoramento%20S%C3%ADlvia%20Ribeiro.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2014.